



“PROFE! QUE TAL UM CANTINHO DA LEITURA?”: UMA ESCOLA SÉRIA E ALEGRE COMO RESULTADO DE UM TRABALHO PEDAGÓGICO QUE DÁ VOZ E ESCUTA AS CRIANÇAS

GOELZER, Juliana¹

DOS SANTOS BRUM CABRAL, Fernanda²

Resumo

Neste artigo apresentamos o relato de uma experiência realizada na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, uma escola pública que está situada no campus da Universidade Federal de Santa Maria. A vivência aqui relatada envolveu um grupo de crianças de 2 a 4 anos, o grupo que em 2014 constituía a Turma Azul, e que em determinado momento, instigados pela professora, começaram a olhar de modo crítico para os diferentes espaços da escola. O olhar crítico das crianças resultou na reorganização do espaço da escola a partir da construção de um Cantinho da Leitura no espaço da recepção. Tal espaço foi pensado pelo grupo de crianças com a mediação da professora, e organizado pela turma em parceria com as famílias das crianças e toda a comunidade escolar. Partindo de tal vivência, propomos, neste artigo, uma reflexão sobre os espaços de participação que temos proporcionado às crianças pequenas em nossas escolas: estamos dando às crianças o lugar de sujeito que elas merecem e que lhes é de direito? Para embasar tal reflexão, apoiamos-nos em referenciais voltados à prática da escuta das crianças na educação infantil, na valorização da criança como um ser atuante, crítico e capaz, referenciais estes que atrelamos às escritas de Freire sobre a importância da escuta dos educandos, da formação de cidadãos responsáveis e críticos, e do nosso lugar como seres inacabados, em constante processo de “ser mais” e, por isso mesmo, atuantes e interferidores na realidade, ao invés de seres passivos, meros espectadores e receptores de informações.

Palavras-chave: Crianças pequenas; escola; escuta; cantinho da leitura.

Uma escola de crianças pequenas: como não ser um espaço sério e alegre?

É muito comum ouvir, de diferentes pessoas, que um espaço de crianças é sempre um espaço de alegria, afinal, as crianças são muito espontâneas, criativas, alegres, sinceras. Sim, elas

¹ Pedagoga, Especialista em Gestão Educacional e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/Universidade Federal de Santa Maria (UEIIA/UFSM). E-mail: julianoelzer@yahoo.com.br.

² Pedagoga e acadêmica do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo e Universidade Federal de Santa Maria (UEIIA/UFSM). Professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/Universidade Federal de Santa Maria (UEIIA/UFSM). E-mail: nandynhas.brum@yahoo.com.br

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



são! Mas aqui, questionamos: nós, adultos, e principalmente nós, professores, permitimos que nos diferentes espaços, de modo especial na escola, a criança manifeste tal alegria, criatividade, espontaneidade e sinceridade? Como vemos e ouvimos as crianças? Que importância atribuímos às suas manifestações, às suas diferentes formas de expressão?

Os documentos nacionais que orientam o trabalho pedagógico a ser desenvolvido com as crianças pequenas nas escolas de educação infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI's (2009) e o Documento “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças” (2009), bem como os referenciais teóricos indicados por estes documentos, todos orientam que o trabalho desenvolvido seja pautado no respeito às especificidades das crianças, na escuta e valorização de todas as suas formas de expressão, apontando para um trabalho que contemple os princípios éticos, políticos e estéticos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p.10), assim definem a criança:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Os princípios éticos, políticos e estéticos que, segundo este documento, também devem estar contemplados nas propostas pedagógicas das escolas, assim são especificados no documento:

Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (ibid. p.16).

Diante destas orientações, cabe a pergunta: estamos, em nossas escolas, dando conta de atender a estas orientações e dando a criança o lugar de sujeito que ela merece e que lhe é de direito? Ou estamos a cada dia mais calando nossas crianças, tirando-lhe a voz e dizendo-lhe que aprenda em silêncio o que “achamos” que estamos a lhe ensinar? Estamos conseguindo contemplar em nossas propostas pedagógicas esses três princípios, fazendo deles verdadeiras práticas sociais? Estamos atuando com sensibilidade, respeitando a cultura, a leitura de mundo (FREIRE, 2011), as diferentes manifestações dessa criança, e mais ainda, apoiando seu processo de humanização?

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Atuar com base nestes princípios, acolhendo a criança, valorizando a sua realidade e apresentando-lhe outras, e ao mesmo tempo desafiando-a a refletir criticamente sobre a realidade e a intervir no mundo, compreendemos que é uma das tarefas centrais no nosso trabalho junto às crianças, que as humaniza. Afinal, educamos a favor de quê e de quem? (FREIRE, 2005).

É quando não damos conta de proporcionar à criança isso tudo que lhe é de direito, que acabamos por apagar a alegria da escola... E então podemos afirmar que sim, que também nos espaços por onde circulam crianças há falta de alegria... E nesse caso, também muita falta de seriedade! E isso tem sido cada vez mais frequente! Quando não damos à criança o direito de participar, de manifestar sua opinião, de brincar, de demonstrar seus sentimentos às outras pessoas, quando não nos importamos e não acompanhamos o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, e quando não lhe escutamos, estamos deixando a alegria e a seriedade do lado de fora da escola. Como se o nosso trabalho com as crianças pequenas não tivesse a importância que tem na vida de cada criança e na vida de toda a sociedade...

Freire (2005, p. 42) já dizia que “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno o simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo”. E quando falamos de criança pequena, essa questão torna-se muito mais séria, pois, como o próprio documento citado acima indica, a criança é alguém que está construindo a sua identidade em meio a essas relações que vivencia. Quais são nossos gestos que estarão marcando a construção da identidade das crianças com as quais atuamos?

Pensando nestas questões, neste artigo buscamos propor uma reflexão sobre a importância da escuta das crianças a partir do relato de uma experiência vivenciada na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, uma escola pública situada no campus da Universidade Federal de Santa Maria, vivência esta que possibilitou mudanças no espaço da escola a partir do processo de escuta das crianças. A partir deste relato, buscamos instigar a todas as pessoas, de modo especial aos profissionais que atuam com a educação infantil, a refletirem sobre os espaços de participação que organizamos para as crianças na escola, logo, sobre o lugar que estamos dando às crianças, se de sujeitos ativos e competentes para atuarem em seus contextos, ou se de meros espectadores e sujeitos passivos, como frágeis, incompetentes, aqueles que um dia “virão a ser alguém”.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



A caminhada, o diálogo, a intervenção no contexto: as crianças disseram a sua palavra e a escola mudou!

Na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo o trabalho com as crianças é realizado a partir de projetos pedagógicos (BARBOSA; HORN, 2008) que são desenvolvidos a partir da escuta das crianças, ou seja, a partir dos registros das diferentes formas de expressão das crianças, buscamos compreender o que elas têm curiosidade e interesse em aprender e/ou o que é uma demanda de trabalho para uma determinada turma, o que seria importante desenvolver com o grupo a partir das observações e da escuta realizadas.

Nesse sentido, destacamos que essas diferentes formas de expressão das crianças constituem suas múltiplas linguagens, e tomando por base que estas são eixos norteadores da prática educativa na educação infantil (BRASIL, 2010), um de nossos maiores objetivos nessa etapa da educação é potencializar tais linguagens, o que é possível apenas a partir de um trabalho de escuta constante das crianças.

Com relação à escuta, utilizamos como uma de nossas principais referências o trabalho desenvolvido nas escolas de educação infantil da região de Reggio Emilia, norte da Itália, idealizado por Loris Malaguzzi. Estas escolas realizam um trabalho na perspectiva das cem linguagens da criança (EDWARDS, 1999), e por isso mesmo, com uma ênfase muito forte no processo de escuta de todas essas linguagens. Segundo a pedagogia Malaguzziana, escutar a criança é uma forma ética de estar e relacionar-se com ela, sendo pela escuta da criança que tornamos visíveis essas cem linguagens. E essa escuta, segundo Rinaldi (2012, p.124), não é aquela que se dá apenas com os ouvidos: “Escuta, portanto, como metáfora para a abertura e a sensibilidade de ouvir e ser ouvido – ouvir não somente com as orelhas, mas com todos os nossos sentidos (visão, tato, olfato, paladar, audição e também direção).”

Paulo Freire, em sua *Pedagogia da Autonomia* (2005), também aponta como um dos saberes necessários à prática educativa, o saber escutar. Assim ele escreve sobre o valor dessa escuta, do falar *com*, e não *aos* outros:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar *impositivamente*. [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele (FREIRE, 2005, p.113, grifos do autor).

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Na nossa escola estamos constantemente em busca desse “sonho democrático e solidário”, e por isso nosso trabalho constitui-se neste falar *com* as crianças, enxergando-as como sujeitos competentes, com desejos e necessidades próprias que necessitam ser vistas e ouvidas.

E foi escutando, falando *com* as crianças que durante o ano de 2014, na Turma Azul, uma demanda apontada pelo grupo movimentou toda a escola. A Turma Azul/2014 da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo era uma turma de crianças de 2 a 4 anos muito questionadoras, que desafiavam cotidianamente os professores no planejamento das propostas. As crianças, todos os dias, eram desafiadas a participar da construção do planejamento expondo seus desejos e opiniões, os quais eram socializados nos momentos de diálogo da turma e contavam com a mediação das professoras.

Através da observação, da escuta sensível e do diálogo, em determinado momento as professoras compreenderam que diante das manifestações das crianças, seria muito importante desafiá-las a pensarem sobre a nossa escola, sobre como elas desejavam que ela fosse, e então deu-se início a trabalho de pesquisa com as crianças, desafiando-as a observar e pensar criticamente nos espaços da escola para propor possíveis mudanças.

Deste modo, podemos pensar em uma educação problematizadora que desafia a criança a compreender criticamente o contexto em que vive, e a educação possui papel imprescindível para a leitura consciente e crítica da realidade. Nesse sentido, Freire (2009) nos alerta que o homem não está apenas *no* mundo, mas *com* o mundo, e que estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade. Estando o homem nesta condição, em muitos de seus escritos, ele nos instiga a refletir sobre o nosso papel enquanto transformadores da realidade em que vivemos, enquanto “interferidores”:

Na verdade, já é quase um lugar-comum afirmar-se que a posição normal do homem no mundo, visto como não está apenas nele mas com ele, não se esgota em mera passividade. Não se reduzindo tão-somente a uma das dimensões de que participa – a natural e a cultural – da primeira, pelo seu aspecto biológico, da segunda, pelo seu poder criador, o homem pode ser eminentemente interferidor. Sua ingerência, senão quando destorcida e acidentalmente, não lhe permite ser um simples espectador, a quem não fosse lícito interferir sobre a realidade para modificá-la. Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura (FREIRE, 2009, p. 49).

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Compreendemos que quando apoiamos as crianças nesse processo de “interferir” na realidade de forma crítica, visando melhorá-la para o bem comum, estamos já de alguma forma atendendo aos princípios políticos (direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática) destacados pelas DCNEI’s. É muito importante que as crianças, desde bem pequenas, tenham a oportunidade de olhar criticamente para a sua realidade visando modificá-la; isso faz com que a criança assuma o seu lugar de sujeito no contexto em que vive.

Pensando nisso, foi proposta a turma então circular pelos espaços da escola observando esses diferentes espaços para propor as mudanças que julgassem necessárias. Iniciamos então uma caminhada nos diferentes espaços da escola: salas de convivência das crianças e adultos, cozinha, refeitório, almoxarifado, lactário, lavanderia, banheiros, recepção, salas de convivência de adultos, sala de coordenação e direção, pátio, pracinha, jardim... Havia uma intencionalidade nessa proposta, conforme já salientado, mas o resultado só as crianças saberiam informar.

Durante a caminhada pela escola, as professoras instigavam as crianças a olharem de modo crítico para este espaço, realizando diferentes questionamentos sobre o que ali havia e o que era possível naquele espaço. De repente, ao chegar à recepção da escola – espaço este pelo qual elas transitam todos os dias – as crianças pararam para observar por mais tempo. Observaram e comentaram que ali quase nada havia, e que era um lugar onde muitas pessoas circulavam. Após a turma ter concluído sua observação, retornamos para a sala e realizamos um diálogo, durante o qual todas as crianças puderam expor suas ideias e suas observações. De fato, o que mais havia lhes chamado a atenção era um canto totalmente vazio nesse espaço da recepção/entrada da escola.

Escutar as crianças e valorizar o seu modo de ser, estar e de perceber o contexto em que vivem é tarefa fundamental do educador amoroso e comprometido. Escutar as crianças é valorizá-las em suas capacidades. Rinaldi (2012, p.122-123), com muita boniteza em sua palavras, assim traduz o seu, e também o nosso, modo de compreender a criança:

A busca pelo sentido da vida e do eu na existência nasce com a criança e é por ela desejada. É por isso que falamos que a criança é competente e forte – uma criança que tem o direito de ter esperança e de ser valorizada, não uma criança predefinida como frágil, carente, incapaz. Temos uma maneira diferente de pensar e tratar a criança: nós a enxergamos como sujeito ativo, com o qual podemos pesquisar, tentar compreender as coisas no dia a dia, encontrar um significado, um pedaço de vida.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



A mesma autora, na sequência, ao apontar que a escuta sensível é uma consequência desse modo de compreendermos a criança, faz um chamamento para todos nós, educadores, quando escreve:

Isso é o que uma escola deveria ser: primeiro e acima de tudo, um contexto de múltiplo escutar. Esse contexto de múltiplo escutar, envolvendo os educadores e também o grupo de crianças e cada criança, todos capazes de ouvir os outros e a si mesmos, subverte a relação ensino-aprendizagem e, assim, muda o enfoque para o aprendizado; quer dizer, do autoaprendizado da criança e do aprendizado conquistado por crianças e adultos juntos (ibid, p. 128).

Quando a escola se constitui nesse lugar de múltiplo escutar, estabelecer um diálogo com as crianças não significa simplesmente dar a elas a oportunidade de falar. E quantas vezes observamos nas escolas “rodas de conversa” durante as quais percebe-se de longe que o que importa é que a criança fale, independentemente dos colegas e professoras estarem escutando-a. E aí, ouvimos dos professores, satisfeitos, que na sua turma todas as crianças têm a oportunidade de se manifestar. Mas e o que fazemos com as manifestações das crianças? Que atenção damos ao que as crianças têm a nos dizer? Quando não compreendemos toda a sua colocação, temos a sensibilidade de solicitar que ela repita para que possamos compreendê-la e assim valorizar a sua palavra? Ou nossa reação é única e simplesmente “Ok, quem é o próximo?”.

Freire (2005) diz que o diálogo torna-se a essência de uma educação humanizadora e se constitui como um fenômeno essencialmente humano, realizado pelas pessoas por meio da palavra, a partir de duas dimensões: a ação, para a transformação e não alienação, e a reflexão, atrelada à conscientização crítica e não alienante. Assim, a palavra não deve ser um privilégio de poucas pessoas, mas direito de todos os homens e mulheres, já que como diz o autor: “Os homens se fazem pela palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (ibid, p.78).

O diálogo é o princípio básico de toda e qualquer relação humana e pedagógica. É ele que permite que nos reconheçamos enquanto humanos e que, juntos, possamos crescer, aprender uns com os outros, tornando-nos pessoas melhores, mais gente. Aprender a dizer a sua palavra (FREIRE, 2011) é condição para a humanização.

Dialogando com Ira Shor (2006) sobre a natureza do diálogo, afirmando que este não pode ser utilizado para garantir certos resultados ou como tática para manipulações, Paulo Freire aponta para o caráter transformador do diálogo:

O diálogo é o momento em que os humanos se encontram pra refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem. Outra coisa: na medida em que somos seres comunicativos, que

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



nos comunicamos uns com os outros enquanto nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade, somos capazes de saber e *saber que sabemos*, que é algo mais do que só saber. [...] nós seres humanos sabemos que sabemos, e sabemos também que não sabemos. Através do diálogo, refletindo junto sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade (FREIRE; SHOR, 2006, p. 123, grifos dos autores).

Assim, um educador comprometido com a transformação dos sujeitos, que acredita na possibilidade de todos “serem mais” acredita no caráter transformador do diálogo.

Desse modo, dialogar com as crianças é construir junto a elas possibilidades de transformação, é dar a elas a oportunidade de dizer a sua palavra a partir da sua leitura de mundo (FREIRE, 2011). E nesse diálogo realizado com as crianças, começamos a pensar em como modificar aquele espaço a fim de que todos pudessem melhor usufruir dele. Pensamos em várias propostas, juntamos caixas, brinquedos, vários materiais e nos colocamos a pensar sobre aquele espaço, sempre no coletivo. Foi quando uma das crianças deu a ideia: “*Profe, que tal um cantinho da leitura?*”.

Pensamos juntos e os colegas entenderam que seria interessante organizarmos o Canto da Leitura, realizamos uma votação na sala a proposta teve unanimidade dos votos. Desta forma, sabíamos que teríamos muito trabalho pela frente, e juntos fomos pensando em tudo o que necessitaríamos para transformar em realidade a nossa ideia. Entendemos que seria importante contar com a parceria de toda a equipe da escola, e nesse momento nos organizamos para passar em todos os espaços falando sobre a nossa ideia e pedindo ajuda para os adultos e as crianças.

Levamos conosco panfletos, nos quais as crianças desenharam os livros que elas gostariam que tivesse naquele espaço. Nosso segundo passo foi iniciar uma campanha de arrecadação de livros, com o intuito de mobilizarmos toda a escola; para isso, pintamos uma caixa e a colocamos na recepção e junto às portas das turmas colamos o nosso panfleto, mas antes as crianças realizaram toda uma conversa com os grupos de crianças das salas. Aos poucos fomos percebendo que o sonho da Turma Azul estava se concretizando e nossas ações tinham vida, pois havia um diálogo com todos, eram todos falando a mesma língua, unidos em um único objetivo que era arrecadar livros para a construção do nosso Cantinho da Leitura. Aos poucos, toda a comunidade escolar, as crianças e suas famílias e todos os adultos da escola começaram a se mobilizar para a nossa campanha. A cada dia que as crianças da turma chegavam na escola, iam direto nas caixas acompanhar como estava a nossa arrecadação!

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



E para a alegria de todos a nossa campanha foi um verdadeiro sucesso, pois arrecadamos muitos livros, e de diferentes gêneros textuais. Com os livros em mãos, começamos a pensar na estética daquele espaço. Como montar nosso cantinho? De que modo? Nesse momento a equipe de coordenação da escola, que também estava muito empenhada em contribuir com a proposta, sugeriu para a turma construir um porta livros de tecido. Foi o que fizemos. Costuramos nosso porta livros e as crianças o pintaram, deixaram sobre aquele tecido a marca de satisfação por estar desempenhando um papel fundamental na escola, o de protagonistas. Ficou lindo!

Confeccionamos o porta livros para a nossa escola e continuávamos pensando no que mais seria necessário para aquele espaço se tornar um espaço alegre... Pensamos então em um passeio à Biblioteca da Universidade, para conhecermos aquele espaço e tentar nos inspirar... Ocorre que a turma também achou aquele espaço vazio e sem cor... e então decidiram confeccionar outro porta livros, agora para presentear a biblioteca!

Ao retornarmos para a escola, dia após dia refletíamos sobre o nosso Cantinho, já tínhamos os livros, o porta livros, mas ainda faltava algo. Foi então que uma criança disse que sua avó poderia vir até a turma ensinar a fazer almofadas e enfeites para o nosso Cantinho da Leitura. A avó veio, ensinou as crianças a confeccionarem almofadas, e assim foi ganhando vida aquele pequeno espaço com pouco menos de dois metros quadrados. Já com as almofadas confeccionadas pelas crianças, pensamos no chão; foi então que conseguimos com a equipe responsável pela limpeza da escola um tapete que a muito tempo estava guardado, sem uso, e ali organizamos o nosso Cantinho da Leitura. As almofadas foram pintadas pelas crianças e ali haviam registros de agradecimento pelo apoio a toda comunidade escolar.

E assim nosso Cantinho da Leitura ganhou vida! Após sua “inauguração”, todos os dias antes das crianças entrarem para as suas salas, de manhã bem cedo, elas davam uma “paradinha” para conhecerem os livros desse novo espaço da nossa escola. Durante o dia, as professoras passaram a utilizar aquele espaço para complementar suas propostas junto às turmas, pois no meio da manhã ou da tarde, as crianças tinham acesso aquele espaço, que era rico de interações. No horário da saída, enquanto aguardavam as famílias, as crianças também passaram a ficar ali, lendo e imaginando. Foi muito interessante acompanhar as crianças convidando suas famílias para sentarem com elas e lerem um livro antes de irem embora!

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Este espaço foi uma construção coletiva, em que todos contribuíram de uma forma ou de outra, mas para isso, foi necessário que alguém acreditasse na potencialidade das crianças, que desafiavam o tempo todo o grupo de professoras. E nós, enquanto professoras, estávamos ali para cumprir com o nosso papel, o de ampliar o conhecimento de si e do mundo daquelas crianças, e mostrar que sim, é possível transformar o mundo, seja ele qual for, o importante é sermos uma unidade e através da criticidade e reflexão o grupo de crianças da Turma Azul soube valorizar e (re)significar a realidade na qual estavam inseridas.

Ao longo de todo esse processo, nos propomos a aprender com as crianças e compartilhar com elas seus anseios, seus desejos e necessidades. Freire (2005, p.28) escreve que “Ensinar exige consciência do inacabamento”. Somos seres inacabados em constante processo de humanização; por isso, precisamos estar abertos, o tempo todo, a ouvir o outro, seja ele criança ou adulto, pois é nesse processo interativo, próprio do ser humano, que vamos aprendendo a “ser mais” (FREIRE, 2005).

Deste modo, estamos o tempo todo aprendendo uns com os outros, e Freire (2011, p. 95) nos ensinou que não há saber mais ou menos, que há saberes diferentes, e que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. O autor considera todo ser humano inacabado, em constante processo de “ser mais”. “Ser mais”, nesta concepção, só é possível quando uma pessoa reconhece a outra como ser livre, responsável, ético, esperançoso, capaz de inventar e recriar o cotidiano e não se adaptar a ele, mas se inserindo e intervindo ativamente.

Ainda, Freire nos lembra que

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito ao outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE, 2005, p. 120).

É esse tipo de relação que acreditamos que deve permear uma instituição educativa, seja ela de Educação Infantil, de Ensino Fundamental, de Ensino Médio ou Superior: em suma, uma relação de amorosidade e comprometimento, que dá a cada pessoa a oportunidade de ser sujeito do seu conhecimento, de suas ações, que incentive as pessoas a perceberem suas potencialidades e que as valorize. Assim, o processo de humanização vivido na escola será a cada dia mais intenso, e um mundo mais bonito, pensado e construído por cada um e por todos.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Por uma escola séria e alegre: que as crianças (e os adultos!) sempre tenham a oportunidade de dizer a sua palavra e serem ouvidos

Neste artigo relatamos brevemente uma experiência que vivenciamos na nossa Ipê Amarelo, uma escola pública de educação infantil situada no campus da Universidade Federal de Santa Maria. Nessa escola, aprendemos muito a cada dia com as crianças, as quais têm o lugar de protagonistas em todas as ações desenvolvidas.

Com esta experiência, tornamos ainda mais sólida a nossa compreensão de que as crianças nos ensinam muito a cada dia, mas que para isso precisamos nos abrir para o verdadeiro diálogo e fazer da escola um “contexto de múltiplo escutar”. Essa experiência mostrou-nos que a partir da escuta e do olhar atentos do professor, é possível realizar uma proposta significativa que é capaz de estreitar a relação das crianças da turma com toda a comunidade escolar e tornar a escola muito mais séria e alegre!

Sim, podemos dizer com certeza que nossa escola ficou muito mais alegre com este espaço criado pela turma! E muito mais séria também, afinal, apesar de já termos uma biblioteca, ganhamos mais um espaço voltado à leitura, à imaginação, à criatividade das crianças... Aliás: quando vemos nossas crianças alegres na escola, é sinal que nosso trabalho é sim sério e comprometido com elas!

Dar voz às crianças, permitir que elas digam a sua palavra e apoiá-las nesse processo de compreensão crítica da realidade permite, que elas percebam o quanto são importantes no mundo, o quanto têm a ensinar e aprender. E nesse processo, os adultos também têm a oportunidade (e esperamos que a capacidade) de, através da sua palavra, e da escuta sensível, aprender e ensinar com elas.

Educar com seriedade e alegria requer amorosidade e comprometimento do educador, que ao dizer a sua palavra, permite às crianças e aos adultos dizerem a sua. A partir dessa experiência, podemos dizer que uma escola séria e alegre é uma escola que dá às crianças, adolescentes, jovens e adultos o papel de sujeitos, de protagonistas que eles merecem e que lhes é de direito. É uma escola em que todos compartilham os anseios, os desejos e as necessidades uns dos outros. É uma escola em que o professor assume seu papel de apoiador e mediador. É uma escola onde todos compartilham das alegrias e tristezas, onde todos buscam juntos por humanização.

XVII Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire
Educar com seriedade sim, mas com ALEGRIA!
As classes populares na Escola Pública.
Santa Maria, 22 e 23 de maio de 2015.



Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. O cotidiano do professor. Tradução: Adriana Lopez. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (Coleção Leitura)

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Coleção O mundo, hoje, vol. 21. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 27. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELLO, Suely Amaral. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender**. Tradução: Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.